

OS TELEFONES

ESCREVI, outro dia, sobre a Companhia Telefônica. Recebi, então, uma carta muito gentil em que um cavaleiro dessa Companhia me convidava a procurá-lo para ouvir explicações. Graças a um amigo comum, obtive seu número de telefone. Conte-lhe a história de um amigo meu que, tendo obtido do prefeito, há meses, prioridade para instalação de telefone, até hoje nada conseguiu. Ele prometeu verificar o caso — e o caso ficou nisso.

Está visto que não foi o drama particular de um amigo que motivou a minha crônica; apenas a inspirou. O mau serviço de telefones não é assunto para reportagem nem para crônica, por ser coisa demasiado sabida e banal. Se insisto é porque prefiro ser um pouco chato a não desabafar minhas máguas.

Meu aparelho — e amigos me contam que isso acontece também com o deles — tem um temperamento estranho e difícil. Outro dia passou um dia inteiro sem bater a campainha. Vivo só, mas amo pessoas. Por que não confessar que me senti deprimido? «Ninguém me telefona, ninguém...» Ao cair da tarde liguei para um amigo e confessei minha tristeza, mas ele me consolou; tentara várias vezes falar comigo, meu telefone tocava e ninguém atendia. Ontem, foi o contrário. Eu recebia telefonemas, mas quando queria falar a alguém o bicho não dava sinal de ligar. Ficava bôbo, quieto, às vezes com um ruído de estar chamando para um número distante e misterioso que não atendia jamais. Acontece que algumas (uma, especialmente) pessoas do mundo com quem mais me agrada falar são pessoas que não me costumam chamar, esperam que eu as chame.

Outra graça de meu aparelho é chamar um número diferente do que eu disquei. Outro dia ouvi, paciente mas desesperadamente, os maiores insultos de uma senhora a quem chamei, sem querer, três vezes. Voltei a discar, pela quarta vez, com o máximo de atenção e três testemunhas idôneas — e pela quarta vez atendeu a senhora do número parecido. Ao reconhecer sua voz, desliguei, mas fiquei intimamente arrasado com as coisas que eu não deixei que ela me dissesse, mas que certamente pensou.

O segredo de tudo isso está nos jornais: a Companhia está pleiteando um grande aumento, e sugere várias fórmulas finórias, prometendo lindezas. Com tanta certeza de conseguir o que quer, que vai logo avisando que para instalar os equipamentos necessários para atender a todos os pedidos de aparelho levará... de quatro a cinco anos!

Serão tecidos a mão esses fios, modelados em casa esses fones? Será possível que a esta altura do século, com o adiantamento prodigioso da indústria e da técnica, a 12 anos do fim da última guerra, esse «trust» será tão mambembe que requeira um prazo tão grande para começar a prestar os serviços que o contrato o obriga a prestar?

Estamos cansados de ouvir falar na péssima organização das empresas do Estado; mas haverá alguma delas tão ineficiente como essa grande empresa estrangeira? Depois nos chamam de botocudos quando clamamos pela nacionalização não só dos telefones, mas também, e principalmente, da energia elétrica.

A eficiência americana funciona muito bem nos Estados Unidos; aqui a empresa é eficientíssima apenas para inventar meios de arrancar mais dinheiro do povo. Um novo grande golpe está se armando neste momento; vamos discar para a Delegacia de Furtos!